

**Izabela Guerra de Freitas Cunha Lins**

**O lugar da figura paterna nas elaborações  
freudianas acerca do complexo de Édipo e sua  
incidência na abordagem clínica da neurose e da  
psicose**

**Belo Horizonte  
Universidade Federal de Minas Gerais  
2012**

**Izabela Guerra de Freitas Cunha Lins**

**O lugar da figura paterna nas elaborações  
freudianas acerca do complexo de Édipo e sua  
incidência na abordagem clínica da neurose e da  
psicose**

Monografia de conclusão apresentada à  
Comissão Examinadora do Curso de  
Especialização em Teoria Psicanalítica  
do Departamento de Psicologia da  
Universidade Federal de Minas Gerais  
como requisito parcial para obtenção do  
título de especialista em Teoria  
Psicanalítica.

Profª Orientadora: Maria Teresa de Melo  
Carvalho.

Belo Horizonte  
Universidade Federal de Minas Gerais  
2012

Izabela Guerra de Freitas Cunha Lins

# O lugar da figura paterna nas elaborações freudianas acerca do complexo de Édipo e sua incidência na abordagem clínica da neurose e da psicose

Monografia de conclusão apresentada à Comissão Examinadora do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Teoria Psicanalítica.

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Teresa de Melo Carvalho – FAFICH/UFMG  
(Orientadora)

---

Prof. Eduardo Dias Gontijo – FAFICH/UFMG

---

Prof. Guilherme Massara Rocha – FAFICH/UFMG

## **AGRADECIMENTOS**

À orientadora Maria Teresa de Melo Carvalho pela contribuição para a concretização desse trabalho.

Aos professores do curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da UFMG por compartilhar todo o conhecimento com os alunos e nos fazerem crescer nessa jornada.

Às psicanalistas Cristina Vidigal e Cristiane de Freitas Cunha Grillo por todo suporte e apoio para a finalização desse trabalho.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> -----	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO I - A IMPORTÂNCIA DA FIGURA PATERNA NA FORMULAÇÃO FREUDIANA DO COMPLEXO DE ÉDIPO</b> -----	<b>11</b>
1.1 O pai da horda em Totem e Tabu-----	11
1.2 A importância da figura paterna na vida em civilização-----	13
1.3 Complexo de Édipo-----	15
1.4 Superego-----	18
<b>CAPÍTULO II - FIGURA PATERNA NA NEUROSE E NA PSICOSE</b> -----	<b>22</b>
2.1 Neurose: a partir do caso do “Homem dos ratos”-----	22
2.2 Psicose: a partir do caso Schreber-----	26
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> -----	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> -----	<b>36</b>

## RESUMO

O presente trabalho buscou verificar o lugar da figura paterna nas elaborações freudianas acerca do complexo de Édipo, além de investigar como esse complexo é utilizado na abordagem clínica da neurose e da psicose. Para tal, a metodologia utilizada foi um estudo teórico dos escritos de Freud, além de outros autores como Peter Gay, Dor e Silvestre, que reiteram a importância paterna no complexo de Édipo. Tem-se, então a ideia de que o pai, não se tratando apenas do pai como agente de paternidade comum, mas também como o operador simbólico, apresenta um papel central na constituição do sujeito, não só no seu desenvolvimento psíquico como também na organização da vida em sociedade. Buscou-se ainda fazer uma comparação entre o que ocorre no complexo de Édipo na neurose e na psicose, verificando qual a importância da figura paterna em ambas as estruturas, o que nos levou a confirmar o papel fundamental que o pai exerce não somente na teorização freudiana sobre a constituição do sujeito, mas também em sua abordagem clínica.

**Palavra-chave:** Figura paterna. Complexo de Édipo. Constituição do sujeito.

## **ABSTRACT**

The present study aims to evaluate the place of the father figure in Freudian elaborations about the Oedipus complex, and investigate how this complex is used in the clinical management of neurosis and psychosis. For this purpose, the methodology used was a theoretical study of the writings of Freud, and other authors such as Peter Gay, Dor and Silvestre, who reiterated the importance of the father in the Oedipus complex. There is the idea that the father, not just treating the father as agent of the common fatherhood, but also as the symbolic operator, has a central role in the constitution of the subject, not only in his mental development as well as in the organization of life in society. A comparison between what happens in the Oedipus complex in neurosis and psychosis was performed, checking what the importance of father figure in both structures, which led us to confirm the key role that the father has not only in theory Freud on the constitution of the subject, but also in their clinical approach.

**Keyword:** Father figure. Oedipus complex. Constitution of the subject.

## INTRODUÇÃO

O desenvolvimento deste trabalho partiu do interesse em investigar o lugar da figura paterna nas elaborações freudianas acerca do complexo de Édipo para, em seguida, investigar como esse complexo é utilizado na abordagem clínica da neurose e da psicose. A centralidade da figura do pai nas elaborações freudianas é bem conhecida, observamos isso em Lacan, Miller, Roudinesco, Dor, Silvestre, entre outros, mas nosso objetivo é justamente voltar ao texto de Freud para acompanhar as formulações que nos mostram tal centralidade, em momentos específicos de sua teorização.

Para isso, a escolha de alguns textos freudianos foi essencial, como “Totem e Tabu”, a partir do qual se consegue ter a ideia da importância da figura paterna na estruturação da vida em sociedade e sua forma de organização, assim como o texto “Mal-estar na civilização”, que tem sua importância ao falar das abdições das satisfações pulsionais que o sujeito teve de fazer para entrar em civilidade, explicando como foram criados os mandamentos, a instauração da lei, a partir da morte do pai para que todos pudessem viver pacificamente. Outros textos que se revelaram imprescindíveis para este trabalho foram “A dissolução do complexo de Édipo” e “O Ego e o Id”: no primeiro, Freud aborda como se dá o desfecho do complexo de Édipo, tendo sua importância na verificação de qual o papel desempenhado pela figura do pai no complexo; no segundo, verifica-se como se dá a construção do superego e qual a sua relação, tão essencial, com a figura do pai. E, finalmente, dois casos clínicos analisados por Freud se fizeram essenciais para a investigação da importância do pai no complexo de Édipo, tanto na neurose como na psicose: “Notas sobre um caso de neurose obsessiva” e “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia”. Assim, a partir deles pretende-se fazer uma comparação entre o que ocorre no complexo de Édipo na neurose e o que acontece na psicose, além de averiguar se há, nesse momento do pensamento freudiano, indicações de que a vivência edípica na neurose se dá de forma radicalmente diferente daquela da psicose, pois são textos anteriores às formulações freudianas sobre o complexo em sua forma “completa”, anteriores também às elaborações sobre o mecanismo da recusa da castração, que se esboça como mecanismo específico da psicose.

No intuito de desenvolver nosso objetivo, o primeiro capítulo deste trabalho abordará o texto freudiano “Totem e Tabu”, cuja importância para a formulação do complexo de Édipo foi decisiva, pois introduz na obra freudiana o lugar central do pai e seu papel estruturante, tanto em relação à constituição do sujeito em sociedade, como em sua estrutura psíquica.

Além deste, outro texto que afirma a importância da figura paterna para a organização da vida em sociedade é o “Mal-estar na civilização”. Dessa maneira, se em “Totem e Tabu” podemos perceber que a civilização só foi possível a partir do fortalecimento do pai em decorrência de sua morte – pois, a partir do sentimento de culpa que surge nos irmãos, são criados os tabus e as leis, que impõem novos costumes, tanto aos homens quanto às mulheres –, em “Mal-estar na civilização” há a reafirmação do pai como organizador e estruturante – pois é a partir dele que surgem os princípios e os mandamentos, demonstrando que o ser humano tem de abdicar de seus instintos pulsionais, como a agressão, para conseguir viver em sociedade.

Assim, ainda no primeiro capítulo, através dos textos freudianos sobre o complexo de Édipo e a formação do superego, propõe-se demonstrar que a figura do pai é central nas formulações freudianas, no sentido em que tem papel estruturante para a psicanálise, pois se faz importante na construção psíquica do sujeito, não se tratando apenas do pai como agente de paternidade comum, mas também como o operador simbólico. Pois, segundo o texto freudiano, “A dissolução do complexo de Édipo”, é a partir dele que haverá uma experiência de desapontamento penosa, considerada como uma hipótese para a dissolução do complexo de Édipo, tanto para os meninos como para as meninas.

Desse modo, para complementar o que afirmou Freud, utilizou-se também o texto de Dor, “O pai e sua função em psicanálise”, em que descreve a presença do pai no complexo de Édipo como o detentor da lei; ele intervém na relação dual entre mãe e filho, privando a mãe de seu objeto e colocando um limite ao gozo desmedido. Então, percebe-se, nesse processo do desenvolvimento do menino, que o pai apresenta-se primeiro como privador e proibidor, ao colocá-la diante da impossibilidade de seu desejo. Porém, o menino, diante desse fato, abandona as catexias de objeto e as substitui por identificações. Assim, a partir do texto freudiano “O Ego e o Id” observa-se que a autoridade do pai é introjetada no ego, formando aí o superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição do incesto. Com isso, as tendências libidinais pertencentes

ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas e, em parte, são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição, podendo o pai, assim, ser amado e admirado pelo filho novamente. Vê-se, assim, desde já, o sentimento de ambivalência em relação à figura paterna.

Por fim, no segundo capítulo, estuda-se o caso do “homem dos ratos”, como um paradigma de um caso de neurose tratado por Freud e, em seguida, aborda-se o caso Schreber sobre a psicose, buscando-se demonstrar através deles a importância da figura do pai para a formação, curso e desfecho da doença de cada paciente, verificando, ao mesmo tempo, seu papel no complexo de Édipo. Assim, nota-se que a presença paterna no caso do “homem dos ratos” foi marcada pela identificação do paciente com a figura do pai e, simultaneamente, a eleição deste último como objeto amoroso, o que ilustra bem o complexo paterno, que depois Freud perceberia como a forma “completa” do Édipo. Para melhor esclarecimento do caso utilizou-se também o texto de Peter Gay “Freud: uma vida para o nosso tempo”, que coloca em relevo a percepção de Freud a respeito da ambiguidade do paciente entre afeto de um lado e rivalidade de outro, voltados à figura paterna. Já no caso Schreber, verifica-se que a ameaça paterna mais temida, a castração, na realidade forneceu o material para sua fantasia de desejo, a princípio combatida, mas depois aceita, de ser transformado em mulher. Então, assim como afirmou também Peter Gay, o que fez Schreber reconciliar-se com sua fantasia homossexual e que possibilitou à sua doença terminar em algo que se aproxima muito de um restabelecimento ou uma recuperação parcial se deve justamente ao fato de seu complexo paterno se aproximar muito da forma positiva e que, provavelmente, o relacionamento com seu pai, em seus anos finais de vida, não tenha sido tão difícil assim, podendo-se pensar que houve, então, uma identificação de Schreber em relação a seu pai.

Dessa maneira, este trabalho foi construído a partir de um estudo teórico sobre os textos de Freud acerca da importância da figura do pai, com o objetivo de verificar seu papel no complexo de Édipo, bem como na compreensão clínica da neurose e da psicose.

## **2 A IMPORTÂNCIA DA FIGURA PATERNA NA FORMULAÇÃO FREUDIANA DO COMPLEXO DE ÉDIPO**

### **2.1 O pai da horda em “Totem e Tabu”**

No texto “Totem e Tabu”, através do estudo da organização dos povos primitivos e seus costumes, Freud faz entender a importância da relação com a figura paterna. Afirma que a relação dos povos com seus totens são protótipos das relações dos filhos com os pais, em que a morte do pai seria o começo da organização social em função do que decorre dele: o pai volta ainda mais forte, percebendo-se, assim, um sentimento de ambivalência emocional dos filhos para com ele, que o amavam e o odiavam. Com isso, Freud demonstra a importância dessa relação com o pai na constituição da vida em sociedade.

Desse modo, remetemos-nos a esse texto freudiano para entendermos esse sentimento de ambivalência em relação ao pai. A partir dele Freud explica como era o funcionamento em sociedade entre os homens primitivos, que se organizavam em clãs. Nessa forma de organização, um homem se casava com uma mulher de outro clã e os filhos herdavam o clã da mãe, de maneira que não existia comunhão de parentesco entre o homem e os outros membros da família. Ainda afirma que numa família desse tipo não havia refeição comum, somente ocorria reunião de um clã diante da cerimônia de um sacrifício animal. Isso valia também para a execução de um membro culpado da tribo, ou seja, o animal sacrificado era tratado como um membro da tribo; a comunidade sacrificante, o deus e o animal sacrificado eram do mesmo sangue e membros do mesmo clã. (Cf. FREUD, 1913 p. 140)

O animal era considerado sagrado e oferecido aos deuses como sacrifício, a quem era consagrado, sendo ele originalmente idêntico aos próprios deuses. Assim, por meio do sacrifício, os adoradores de certa forma enfatizavam seu parentesco consanguíneo com o animal e o deus. Porém, com a domesticação dos animais e a introdução da criação de gado, ficou proibido o totemismo estrito e inadulterado dos dias primevos. Com isso, houve a necessidade de matar um deles de tempos em tempos,

em comunhão solene, e de dividir sua carne e sangue entre os membros do clã. Os motivos que levaram a esse ato revelam o significado mais profundo da natureza do sacrifício, em que o sagrado mistério da morte sacrificatória era justificado pela consideração de que apenas dessa forma se conseguiria o vínculo que cria e mantém o elo vivo entre os adoradores e seu deus.

No ritual de sacrifício do totem, os membros do clã se encontram vestidos à semelhança do animal e imitando-o em sons e movimentos, como se procurassem acentuar sua identidade com ele. Quando o ato solene termina, o animal morto é lamentado e pranteado, sendo o luto obrigatório e imposto pelo temor de que haja uma retaliação.

Assim, Freud pretende revelar que o animal totêmico é, na realidade, um substituto do pai e isto entra em acordo com o fato contraditório de que, embora a morte do animal seja em regra proibida, sua matança, no entanto, é uma festividade, pois ele é morto e, ao mesmo tempo, pranteado. Então, a atitude emocional ambivalente, que até hoje caracteriza o complexo-pai nos nossos filhos e com tanta frequência persiste na vida adulta, afirma Freud, parece estender-se ao animal totêmico em sua capacidade de substituto do pai. (Cf. FREUD, 1913, p. 145)

Para fundamentar essas ideias, Freud nos remete à horda primeva de Darwin, em que há um pai ciumento e violento que guardava todas as fêmeas para si próprio e que expulsa os filhos à medida que eles crescem. Porém, certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando, assim, um fim à horda patriarcal. O violento pai primevo, fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos; e, através do ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. Dessa maneira, a refeição totêmica seria assim uma repetição e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e religiosas. (Cf. FREUD, 1913, p.131)

A atitude dos irmãos mostra que odiavam o pai, que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais, mas também o amavam e o admiravam. Após terem se livrado dele, ou seja, satisfeito o ódio e posto em prática seus desejos de identificação com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalçada retorna na forma de remorso. Um sentimento de culpa, então, surge em todo o grupo, e o pai morto torna-se mais forte do que fora vivo. Dessa forma, anularam o

próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai, e renunciaram ao poder de terem todas as mulheres, que haviam sido libertadas. Criaram assim, a partir do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo, que, por essa razão, corresponderam inevitavelmente aos dois desejos recalçados do complexo de Édipo. Então, quem infringisse esses tabus tornava-se culpado dos dois únicos crimes pelos quais a sociedade primitiva se interessava. (Cf. FREUD, 1913, p. 137)

Nesse texto, Freud ainda explica que o sistema totêmico funcionou como um pacto com o pai, no qual este prometia aos filhos proteção, cuidado e indulgência, ou seja, tudo o que uma imaginação infantil pode esperar de um pai; enquanto os filhos comprometiam-se a respeitar-lhe a vida, isto é, não repetir o ato que causara destruição do pai real. Além disso, o totemismo continha uma tentativa de autojustificação pois, se o pai os tratasse como o totem os trata, nunca seriam tentados a matá-lo. Assim, o totemismo ajudou a amenizar a situação e tornou possível esquecer o acontecimento a que devia sua origem. (Cf. FREUD, 1913, p.141)

Com isso, garantiram a vida uns dos outros declarando que nenhum deles devia ser tratado por outro como o pai fora tratado por todos em conjunto, evitando a possibilidade de uma repetição do destino do pai. Assim, a proibição, baseada na religião contra o totem, juntou-se então, à proibição socialmente fundamentada contra o fratricídio. E, muito depois, a proibição deixou de limitar-se aos membros do clã e assumiu a forma simples: “Não matarás”.

A sociedade estava agora baseada na cumplicidade do crime comum; a religião baseava-se no sentimento de culpa e no remorso a ele ligado; enquanto que a moralidade fundamentava-se parte nas exigências dessa sociedade e parte na penitência exigida pelo sentimento de culpa. (FREUD, 1913, p. 149)

## **2.2 A importância da figura paterna na vida em civilização**

No texto “Mal-estar na civilização”, Freud afirma que o elemento de civilização somente acontece a partir da primeira tentativa de regular os relacionamentos sociais. Assim, “a vida humana em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado e que permanece unida contra todos os

indivíduos isolados.” (FREUD, 1930, p. 101) Caso isso não ocorresse, os relacionamentos ficariam sujeitos à vontade arbitrária do homem fisicamente mais forte, como era com o pai primevo, que decidiria a respeito deles no sentido de seus próprios interesses e impulsos instintivos. A substituição, então, do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo para a civilização, em que o poder dela é estabelecido como “direito”, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como “força bruta”.

Portanto, a primeira exigência da civilização é a justiça, ou seja, a garantia de que uma lei, uma vez criada, não será violada em favor de um indivíduo. No entanto, a civilização faz com que os membros da comunidade se restrinjam em suas possibilidades de satisfação. Assim, através da lei, tem-se um estatuto legal para o qual todos contribuiriam com o sacrifício de suas pulsões, para que ninguém ficasse à mercê da força bruta. Com isso, os preceitos do tabu constituíram o primeiro “direito” ou “lei”.

Dessa maneira, podemos perceber que a civilização só foi possível a partir do fortalecimento do pai em decorrência de sua morte. Pois, a partir do sentimento de culpa que surge nos irmãos, são criados os tabus e as leis, que impõem-lhes novos costumes, tanto aos homens quanto às mulheres. Com isso, foi preciso criar mandamentos como “Não matarás” ou “Amarás a teu próximo como a ti mesmo”, pois, como explica Freud, a civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle. Porque, se o homem não apresentasse essa tendência agressiva para com o seu próximo, não seria necessário criar essas leis. Por isso, o autor ainda afirma que o homem, ao viver em comunidade, renuncia em parte à satisfação de suas pulsões, em troca de uma certa segurança. (Cf. FREUD, 1930, p. 117)

Em tudo o que se segue, adoto, portanto, o ponto de vista de que a inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição instintiva<sup>1</sup> original e auto-subsistente, e retorno à minha opinião de que ela é o maior impedimento à civilização. (FREUD, 1930, p. 125)

Assim, fica mais claro entender o sentimento de ambivalência em relação ao pai a partir do sentimento de culpa. Porém, se esse sentimento remonta à morte do pai primevo, trata-se, então, de um caso de “remorso”. Depois que o ódio foi satisfeito pelo

---

<sup>1</sup> Melhor traduzir por pulsional.

ato de agressão, o amor veio para o primeiro plano, no remorso dos filhos pelo ato. Criou-se o superego pela identificação com o pai; deu-se a esse agente o poder paterno, como uma punição pelo ato agressivo praticado contra aquele, e criou-se as restrições destinadas a impedir uma repetição do ato. Assim, o sentimento de culpa é expressão do conflito devido à ambivalência, que é posto em ação quando os homens se reúnem em comunidade. E, enquanto ela não assume outra forma que não seja a família, o conflito está fadado a se expressar no complexo de Édipo, a estabelecer a consciência e a criar o primeiro sentimento de culpa. “O que começou em relação ao pai é completado em relação ao grupo.” (FREUD, 1930, p. 135)

Além disso, podemos perceber outra evidência no texto freudiano “Romances familiares” para explicar o sentimento de ambivalência em relação ao pai e a importância que ele representa na constituição do sujeito, no que a criança, ao substituir os pais, ou só o pai, em seus romances imaginativos, por pessoas de melhor situação, atribui a esses novos e aristocráticos pais qualidades que se originam das recordações reais dos pais mais humildes e verdadeiros. Assim, a criança não está se desfazendo do pai, mas enaltecendo-o. Ou seja, o pai, sendo substituído, está sendo elevado. Essa substituição nada mais é que uma expressão da saudade que ela sente dos dias felizes do passado, em que o pai lhe parecia o mais nobre e o mais forte dos homens. Com isso, a criança “dá as costas ao pai, tal como o conhece no presente, para voltar-se para aquele pai em quem confiava nos primeiros anos de sua infância, e sua fantasia é a expressão de um lamento pelos dias felizes que se foram.” (FREUD, 1909(1908), p. 222)

### **2.3 Complexo de Édipo**

Freud através dos textos “Totem e Tabu” e “Mal-estar na civilização”, além de afirmar a importância da figura paterna na formação da vida em sociedade, demonstra também a importância desse pai na constituição do sujeito. Dessa forma, se faz necessário retomarmos o estudo sobre o complexo de Édipo e, conseqüentemente, do superego.

Assim, no texto “A dissolução do complexo de Édipo”, Freud se pergunta como se dá a dissolução do complexo de Édipo, fazendo-o sucumbir ao recalque. A resposta é

fundada na ameaça de castração. Coloca, então, como uma de suas causas a experiência de desapontamentos penosos. Dessa forma, a menina, que costumava se considerar aquilo que o pai mais amava, sofre por parte dele uma dura punição e, então, se vê diante de uma decepção. O menino, ao considerar sua mãe como sua propriedade, se desilude quando descobre que há um terceiro a quem ela transferiu seu amor. Dessa maneira, o pai apresenta-se como figura importante para que haja essa experiência de desengano na criança. (Cf. FREUD, 1924, p.193)

Assim, Freud explica que a ameaça de castração não se dá de uma só vez, havendo experiências que preparam a criança para que ela ocorra. Mas a experiência que faz essa ameaça mais poderosa é a visão dos órgãos genitais femininos. Primeiro ele rejeita, não dá importância. Somente mais tarde, quando se encontra de frente com uma ameaça de castração, é que sua observação se faz importante para ele. Primeiro, o menino não enxerga como uma generalização a falta de pênis nas mulheres, mas como uma punição, considerando-as como pessoas desprezíveis do sexo feminino que perderam seus órgãos genitais, por serem culpadas de impulsos inadmissíveis como os seus próprios. (Cf. FREUD, 1924, p. 195)

Já nas meninas, há primeiramente uma rejeição: quando se deparam com a falta de pênis, pensam que ainda irá crescer. Posteriormente, de forma lenta, concluem que o pênis estivera lá antes, e fora retirado depois. Assim, a falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria. Desse modo, afirma Freud que a menina abandona seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho; para isso, toma o pai como objeto de amor. Assim, a mãe se torna objeto de ciúmes (Cf. FREUD, 1924, p. 197).

Freud em seu texto “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, conclui que “enquanto nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração.” (FREUD, 1925, p. 285)

Dessa forma, o complexo de Édipo permite à criança duas formas de satisfação, uma ativa e outra passiva. O menino poderia colocar-se no lugar do pai e pretender ter relações com a mãe, como tinha o pai e, assim, este se tornaria um incômodo; e a menina poderia assumir o lugar da mãe e ser amada pelo pai, nesse caso, a mãe se tornaria supérflua. (Cf. FREUD, 1924, p. 196)

Assim, mesmo o menino não tendo conhecimentos suficientes sobre uma relação erótica satisfatória, sabe que o pênis exerce uma função importante pelas sensações tidas em seu próprio corpo. Esse pensamento de satisfação se dá quando ainda se acredita que as mulheres possuem pênis. Porém, quando esse fato é desmentido, ao ver o órgão sexual feminino e reconhecer que elas são castradas, terminam as esperanças nessas duas possibilidades do complexo de Édipo, pois ambas acarretariam a perda de seu pênis: a masculina, ativa, como uma punição resultante, e a feminina, passiva, como precondição. Dessa forma, a criança se encontra diante de um embate, já que a satisfação de seu amor no campo do complexo de Édipo custará o seu pênis. Tem-se, então, o conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Com isso, normalmente quem ganha esse conflito é a primeira opção, fazendo com que o ego da criança se volte contra o complexo de Édipo. Assim, o interesse narcísico do menino triunfa frente ao seu investimento libidinal no objeto parental.

Assim, Freud explica que as catexias libidinais são abandonadas e substituídas por identificações. Isso se deve ao fato de a autoridade do pai ser introjetada no ego, formando aí o superego, que irá assumir a severidade do pai e perpetuar a proibição ao incesto, defendendo, então, o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas, e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Dessa forma o pai, antes tido como um estorvo, pode se tornar digno de afeto.

É interessante observarmos também o que Dor, em seu texto “O pai e sua função em psicanálise” (1991), fala do papel do pai no complexo de Édipo. Ele explica que o lugar do pai na relação mãe-filho será previamente o de um estranho que, dificilmente poderia se manter em tal exterioridade. O pai, então, será considerado inevitavelmente como uma presença embaraçosa para o filho, a partir do momento em que ele assumir uma certa consistência significativa diante do desejo da mãe e daquilo que o filho está apto a apreender dele. Nesse momento, a criança começa a questionar a certeza que tinha no desejo da mãe e a se confrontar com o registro da castração pela instância paterna. (Cf. DOR, 1991, p. 48)

Com isso, Dor afirma que o pai aparece para a criança como alguém que tem direito quanto ao desejo da mãe, porém, num primeiro momento, ele não poderia ser representado de outra forma que não fosse no terreno da rivalidade fálica diante da mãe.

Nessa posição, o pai será triplamente investido pela criança, sob os ornamentos de um pai privador, interditor e frustrador, que contribuem para mediatizar a relação fusional da criança com a mãe. (Cf. DOR, 1991, p. 41)

Assim, quando o pai apresenta-se para a criança, mesmo que hipoteticamente, como objeto do desejo da mãe, ele se mostra como um falo rival. Com isso, esboça-se a atribuição fálica paterna. Desse modo, a criança a partir daí é conduzida, implicitamente, ao encontro com a lei do pai.

Então, o que resta da solução edípica é o superego como instância que internalizou a lei do pai, o que nos convida a tratar com mais detalhes a constituição dessa instância.

### **3.3 Superego**

A partir do que já foi abordado, sobre a importância paterna na constituição do sujeito na organização em sociedade e no desenvolvimento do complexo de Édipo, faz-se importante abordar a construção do superego, a que Freud chamou de “herdeiro do complexo de Édipo”. Em seu texto “O Ego e o Id”, explica que, quando uma pessoa tem de abandonar um objeto sexual, acontece uma alteração de seu ego, que só pode ser descrita como a instalação do objeto dentro do ego. Com isso, pode-se supor que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto. Então, percebe-se que há diversos graus de capacidade de resistência, os quais decidem até que ponto o caráter de uma pessoa desvia ou aceita as influências da história de suas escolhas objetais eróticas.

Essa transformação de uma escolha objetal erótica numa alteração do ego estabelece também um método pelo qual o ego pode obter controle sobre o id e aprofundar suas relações com ele, já que se sujeita em grande parte às exigências do id. Quando o ego assume as características do objeto, ele se faz de objeto de amor para o id e tenta compensar sua perda, mostrando ao id que também pode amá-lo, pois é semelhante ao objeto. Então, a transformação da libido do objeto em libido narcísica, obviamente implica um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização – portanto, uma espécie de sublimação. (Cf. FREUD, 1923, p. 43)

Com isso, percebe-se que os efeitos das primeiras identificações efetuadas na mais primitiva infância serão gerais e duradouros. Por trás do ideal do ego está oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai.

Isso aparentemente não é, em primeira instância, a conseqüência ou resultado de uma catexia do objeto; trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia do objeto. Mas as escolhas objetais pertencentes ao primeiro período sexual e relacionadas ao pai e à mãe parecem normalmente encontrar seu desfecho numa identificação desse tipo, que assim reforçaria a primária. (FREUD, 1923, p.44)

Desse modo, Freud descreve o caso de uma criança do sexo masculino que, em idade muito precoce, desenvolve uma catexia objetal pela mãe, e trata o pai identificando-se com ele. Ao longo do tempo, esses dois relacionamentos avançam lado a lado, até que os desejos sexuais do menino em relação à mãe se tornam intensos e o pai é tido como um empecilho a eles; disso se origina o complexo de Édipo. Então, sua identificação com o pai se transforma em hostilidade e transforma-se num desejo de livrar-se dele, para ocupar seu lugar junto à mãe. Daí por diante sua relação com o pai é ambivalente, como se essa ambivalência, inerente à identificação desde o início, se houvesse tornado manifesta. Dessa forma, esse é o processo do complexo de Édipo positivo simples num menino: a atitude ambivalente para com o pai e uma relação objetal de tipo unicamente afetuosos com a mãe. (Cf. FREUD, 1923, p. 45)

Com a demolição do complexo de Édipo, a catexia objetal da mãe também tem de ser abandonada pelo menino. E seu lugar pode ser ocupado por uma de duas coisas: uma identificação com a mãe ou uma intensificação de sua identificação com o pai. É mais comum o último resultado ser considerado normal, pois ele permite que a relação afetuosos com a mãe seja, em certa medida, mantida. Assim, a dissolução do complexo de Édipo marcaria a consolidação da masculinidade no caráter de um menino. E, de maneira análoga, o desfecho da atitude edipiana numa menina pode ser uma intensificação de sua identificação com a mãe, que terá como conseqüência a fixação de seu caráter feminino. (Cf. FREUD, 1923, p. 45)

Como vimos, essas identificações não são o que esperaríamos, visto que não introduzem no ego o objeto abandonado, mas esse desfecho alternativo também pode ocorrer, sendo mais fácil observá-lo em meninas do que em meninos. Freud conta que a análise rápida nos mostrará que uma menina, após ter de abandonar o pai como objeto

de amor, colocará sua masculinidade em proeminência e se identificará com seu pai, ou seja, com o objeto perdido, ao invés de sua mãe. Isso dependerá de ser sua masculinidade, em sua disposição, suficientemente forte. (Cf. FREUD, 1923, p. 46)

Isso faz parecer, portanto, que em ambos os sexos a força relativa das disposições sexuais masculina e feminina é o que determina o desfecho da situação edipiana, se será uma identificação com o pai ou com a mãe. Esta é uma das maneiras pela qual a bissexualidade é responsável pelas vicissitudes subsequentes do complexo de Édipo. Assim, um menino não tem simplesmente uma atitude ambivalente para com o pai e uma escolha objetual afetuosa pela mãe, mas que, ao mesmo tempo, também se comporta como uma menina e apresenta uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade em relação à mãe. Então, Freud pensa na possibilidade de que a ambivalência demonstrada nas relações com os pais pode ser atribuída inteiramente à bissexualidade e que ela não se desenvolva a partir da identificação em consequência da rivalidade. (Cf. FREUD, 1923, p.46)

O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego. (FREUD, 1923, pp. 46-47)

Dessa forma, o superego não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa energética contra essas escolhas. A sua relação com o ego não é somente com o preceito: “Você deveria ser assim (como o seu pai)”, mas também com a proibição: “Você não pode ser assim (como o seu pai)”. Esse aspecto duplo do ideal do ego se dá pelo fato de que o ideal do ego tem a função de recalcar o complexo de Édipo; em verdade, é a essa missão que ele deve sua existência. E o recalque do complexo de Édipo não é tarefa fácil. Os pais da criança, em especial o pai, são percebidos como obstáculo para a realização de seus desejos edipianos, de maneira que o ego infantil se fortificou para a execução do recalque erguendo esse mesmo obstáculo dentro de si próprio. Assim, o superego retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir ao recalque, sob a influência da autoridade do ensino religioso e da educação escolar, mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o

ego, sob a forma de consciência ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa. (Cf. FREUD, 1923, p. 47)

Além disso, Freud em seu texto “O humor” afirma que, sendo o superego o herdeiro do agente paterno, o reconhecemos, mais frequentemente, como um senhor severo. Desse modo, seria estranho pensar que ele condescende em capacitar o ego a obter uma pequena produção de prazer. E isso acontece na atitude humorística, em que o superego está realmente abandonando a realidade e servindo a uma ilusão. Entretanto, esse prazer, mesmo com menos intensidade, possui um caráter de valor muito alto; sabe-se que ele é especialmente liberador e enobrecedor. Pois a piada feita por humor não é o essencial, o principal é a intenção que o humor transmite, esteja ele agindo em relação, quer ao eu, quer às outras pessoas. “Significa: Olhem! Aqui está o mundo, que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre dele se faça uma pilhéria!” (FREUD, 1927, p. 169) Com isso, demonstra-se a presença da ambivalência em relação ao pai na estrutura do superego, ele como representante paterno também tem como característica não só a proibição e a imposição em relação ao ego, mas também há, através do humor, o sentimento de protegê-lo do sofrimento. (Cf. FREUD, 1927, p. 169)

### 3 FIGURA PATERNA NA NEUROSE E NA PSICOSE

#### 3.1 Neurose: a partir do caso do “Homem dos ratos”

No caso clínico do “homem dos ratos” Freud faz considerações sobre a neurose obsessiva, sendo que a partir dele podemos discorrer sobre a questão do complexo de Édipo na neurose, pois ilustra bem o sentimento de ambivalência em relação à figura paterna, assim como a identificação com o pai.

Trata-se, nesse texto de 1909, do atendimento de um jovem paciente que referia ter obsessões desde a sua infância. Freud explica que a neurose se estrutura na infância e está relacionada a uma atividade sexual precoce. Ainda afirma que os pacientes tentam situá-la no tempo, mas que a neurose não é tão facilmente recordável, e é anterior aos relatos dos pacientes, sendo suas primeiras manifestações ocultadas pela amnésia infantil. No caso do “homem dos ratos” os traços típicos de neurose identificados em sua infância são: um desejo acompanhado de um medo obsessivo terrível, que tinha algo de indefinido e gerava atos defensivos, um delírio de que expressava em voz alta seus pensamentos sem ouvi-los, uma pulsão erótica e uma revolta contra ela, um desejo (ainda não marcado pela obsessão) e uma apreensão contrária (já marcada pela obsessão). Além disso, estão presentes a ambivalência, regressão e fixação na fase anal; e no que concerne ao ponto de vista tópico, há uma tensão entre o ego e um superego rígido e severo. (Cf. FREUD, 1909, p. 146)

Ao longo dessa análise, Freud percebe que, sempre que o paciente apresentava algo de desejo sexual, havia neste desejo também algo de proibição. Por exemplo, quando o paciente descreve sobre seu desejo de ver as meninas nuas, afirma que logo vinha a proibição de que algo deveria acontecer, que seria a morte do pai. Percebe-se, então, que o paciente lida com a morte do pai com preocupação, não como desejo, sendo que ele já havia morrido há muito tempo. (Cf. FREUD, 1909, p. 147)

O paciente além de descrever, nos atendimentos, as experiências com a governanta, que ilustravam bem sua atividade sexual precoce, nos delírios que apresentava, sempre lhe ocorria sobre a morte de seu pai. Sobre os delírios, Freud

esclarece que, racionalmente, o paciente não vê sentido nessas manifestações, mas ainda assim acredita nelas. Ele também fala da redução do desejo a uma simples corrente de pensamento, isto é, quando a ação psíquica fica destituída do contexto afetivo. Isso é observado no paciente quando este negou qualquer desejo no fato de pensar algumas vezes na morte do pai. Para ele essas ideias nada indicavam, eram apenas pensamentos, que talvez dissessem de um medo, mas nunca de um desejo. (Cf. FREUD, 1909, p. 148)

Nesse texto, Freud ainda explica um aspecto essencial da neurose obsessiva, como se dá a formação de sintomas, que é quando se faz uso de uma coisa para se representar outra (deformação), de modo que se dispõe de um substituto. É o caso dos ratos na vida do paciente, pois estes desencadeavam uma reação exacerbada sem que ele conseguisse reconhecer o motivo. Então, o autor explica que a experiência que precipitou a primeira consulta do paciente ocorreu quando estava em manobras em uma unidade militar. Quando um oficial descreveu uma forma de tortura na qual o prisioneiro ficava sentado nu, amarrado sobre um recipiente contendo ratos, que buscavam escavar seu ânus em busca de uma saída. Tal pensamento passou a invadir sua mente sem que fosse capaz de evitá-lo, causando-lhe grande aflição. Achava que isso poderia acontecer com a jovem de quem gostava e com o pai, já falecido havia nove anos. O jovem passou anos combatendo essas e outras ideias, perdendo, deste modo, muito tempo de sua vida. Vários tratamentos haviam sido tentados, com nenhum efeito positivo. (Cf. FREUD, 1909, p. 150)

A análise de Freud concentrou-se na ambivalência do paciente para com seu pai e a jovem a quem cortejava, originada em sua sexualidade precoce e intensa e sentimentos antigos de raiva contra seu pai, que haviam sido severamente reprimidos. Como descreveu Peter Gay em seu livro, “Freud: uma vida para o nosso tempo”, era essa a ambivalência que governava a vida do “homem dos ratos”, uma ambivalência torturante característica de todo pensamento obsessivo, que repercutia em suas relações com a mulher amada. Esses sentimentos conflitantes não eram independentes entre si, mas unidos aos pares. Seu ódio pela amada estava necessariamente ligado à sua afeição pelo pai, e vice-versa. (Cf. GAY, 1989, p. 251)

A partir do texto de Peter Gay entendemos a solução trazida por Freud, em que afirma que o “homem dos ratos” não só lutara contra o pai, como também se identificara com ele. O pai havia sido um militar que gostava imensamente de contar anedotas sobre sua carreira no exército. Além disso, ele havia sido um “rato de jogo”, que certa vez

acumulou dívidas de jogo que não podia pagar, até que um amigo oportunamente lhe emprestou o dinheiro. Porém, ao ser promovido como civil não conseguiu pagar seu amigo por não ter seu endereço. A partir dessa história, encontra-se mais um elo para a própria compulsão singular do “homem dos ratos” de pagar a pequena soma que alguém gastara na postagem da encomenda para ele, e também mais um elo quanto aos ratos. Dessa forma, continua Peter Gay afirmando que, nas manobras, ao ouvir a história sádica do castigo dos ratos, isso despertou essas lembranças, assim como resquícios de seu erotismo anal infantil. Como afirmou Freud, em seus delírios obsessivos, ele havia criado uma verdadeira moeda de ratos para si mesmo. Então, a história tinha arrancado à repressão todos os impulsos sexuais cruéis do “homem dos ratos”. Assim, ao absorver e aceitar esse conjunto de interpretações, ele aproximava-se cada vez mais da saída do labirinto de sua neurose. (Cf. GAY, 1989, p. 251)

Outro ponto importante a ser considerado é o exagero por parte do “homem dos ratos” de autocensura pela morte do pai. Freud afirma que há uma falsa conexão entre a intensidade da autocensura e a oportunidade para ela se manifestar. Assim, o sentimento de culpa é desconhecido, isto é, inconsciente, e exige ser buscado. Ele acreditava que a existência de uma falsa conexão era o que justificava a impotência dos processos lógicos frente à ideia atormentadora, pois estando ela distorcida e irreconhecível, conseguia estabelecer-se com mais eficácia. Desse modo, o efeito terapêutico do tratamento estava em “des-cobrir” o conteúdo inconsciente ao qual a autocensura de fato estava ligada e em vincular esse conteúdo ao seu afeto correspondente.

A hostilidade pelo pai, tão presente no sintoma do paciente, evidencia algo da natureza de desejos sensuais e da sensação de uma interferência paterna nesses seus desejos. Freud, em seu texto sobre a dissolução do complexo de Édipo, pondera que, para que a criança continue amando seu pai, tais desejos sensuais em relação à mãe e de hostilidade em relação ao pai devem ser suprimidos. Por isso, em torno da idade dos cinco anos, são recalçados. Depois do recalque é difícil admitir que tenham de fato existido ou que possam retornar. Isso se passava com o paciente, que negava que seu medo da morte do pai correspondesse a um desejo primeiro, agora reprimido; e não admitia já ter sentido ódio da figura paterna. Contudo, além do que já foi exemplificado, Freud ainda afirma que o paciente descrevera bem que, quando tinha doze anos de idade gostou de uma menina, todavia ela não lhe mostrara tanta afeição como ele havia desejado. Assim, o paciente teve a ideia de que ela lhe seria afável se alguma desgraça

viesse acontecer, como por exemplo, a morte de seu pai. Assim como aconteceu também seis meses antes da morte de seu pai a ideia de que ele poderia morrer, pois o pai poderia torná-lo rico o suficiente para poder casar com a dama a quem namorava. (Cf. FREUD, 1909, p. 159)

Um fato importante a ser considerado é a causa precipitadora da doença do paciente, que cede lugar à amnésia. O que acontece é que ele se identifica com o pai, que se encontra na mesma situação vivida por ele, ao ter que se decidir em continuar fiel à sua dama ou fazer como seu pai e se casar com a rica jovem que lhe haviam predestinado. O “homem dos ratos” resolve esse conflito ficando doente – ou melhor, ficando doente evitava a tarefa de resolvê-lo na vida real. “O conflito nas raízes de sua doença era, em essência, uma luta entre a persistente influência dos desejos de seu pai e suas próprias inclinações amorosas.” (FREUD, 1909, p. 176)

Portanto, como já foi mencionado, o paciente, desde menino, tinha pensamentos sobre a morte do pai quando se inclinava a tentar conquistar uma menina. Com isso, não pode haver dúvida de que existia algo, no âmbito da sexualidade, que permanecia entre pai e filho, e de que o pai assumiria alguma espécie de oposição à vida erótica do filho, prematuramente desenvolvida. E isso se comprova no relato do paciente sobre a ideia que teve quando experimentou pela primeira vez as prazerosas sensações da cópula, de que por uma coisa assim alguém seria até capaz de matar o pai. Outro fator importante diz respeito às atividades masturbatórias do paciente que lhe ocorreram logo após a morte do pai. Ele conta que se sentia muito envergonhado de si mesmo cada vez que se gratificava com esse ato e logo renunciava ao hábito. Sendo que, esclarece Freud, ele só conseguia fazê-lo diante de uma situação de proibição e desafio à ordem. (Cf. FREUD, 1909, p. 178)

Dessa forma, afirma Freud que o paciente quando criança com menos de seis anos de idade fora culpado por alguma má conduta relacionada com a masturbação, sendo, assim, duramente castigado por seu pai. Então, a partir dessa punição, conclui que o pai do paciente pusera um fim em sua masturbação, mas, também deixara atrás de si um rancor inextinguível e o fixara para sempre em seu papel de perturbador do gozo sexual. (Cf. FREUD, 1909, p. 179)

Assim, ao analisarmos o caso do “homem dos ratos” percebemos que ele é pautado pela coincidência entre a identificação de um menino com a figura de seu pai e, simultaneamente, a eleição deste último como objeto amoroso, o que ilustra bem o

complexo paterno, a forma “completa” do Édipo. Através de sua doença, o paciente demonstra a ambiguidade entre afeto de um lado e rivalidade de outro, voltados à figura paterna. Mesmo Freud não tendo formulado ainda neste momento do texto sobre a forma “completa” do complexo de Édipo, a partir do caso do “homem dos ratos”, ele percebe a ambivalência afetiva originária em relação à figura paterna. Sendo importante para que alguns anos depois ele escrevesse sobre o mito da horda primeva em “Totem e Tabu” para, mais tarde, perceber que o declínio do complexo de Édipo é o luto do pai, deixando como sequela uma identificação com ele.

### **3.2 Psicose: a partir do caso de Schreber**

No texto “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia”, Freud analisa um caso de paranoia a partir das memórias do Dr. Schreber sobre sua própria doença. Sua relevância reside nas bases que forneceu tanto para a compreensão do complexo de Édipo quanto para o descobrimento da forma dita “negativa” do complexo. Ou seja, uma escolha narcísica e homossexual de objeto onde reinaria o amor com o progenitor do mesmo sexo e a rivalidade com aquele do sexo oposto.

Nesse texto de 1911, Freud reconhece na paranoia a possibilidade de investigar, mesmo que de maneira deformada, aquilo que o neurótico procura manter escondido. Isso por entender que a diferença entre ambas, em parte, refere-se à intensidade do conflito psíquico. O psicótico vive aquilo que o sintoma neurótico apenas figura.

A primeira doença de Schreber surgira como uma crise grave de hipocondria, sendo por isso internado na clínica de Flechsig, mas logo restabelecido. Mais tarde, entre o momento em que foi informado de sua provável indicação para *Senatspräsident* e o momento em que assumiria esse cargo, Schreber teve a ideia, enquanto se achava entre o sono e a vigília, de que deveria ser realmente muito bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula. Ideia que, explica Freud, seria rejeitada com muita indignação se ele estivesse plenamente consciente. Meses após esse episódio, Schreber manifestou sua segunda doença, tendo que retornar à clínica do Dr. Flechsig, que era quem ocupava

lugar central em seu delírio de perseguição, por quem pensava estar sendo perseguido e prejudicado, assim, era chamado de “assassino de alma”. (Cf. FREUD, 1911, p. 24)

Resumidamente, a história de Schreber, consiste num delírio estruturado que em sua forma final faz dele o escolhido por Deus para repovoar a Terra. Para isso, torna-se necessário sua transformação em mulher, a mulher de Deus, a fim de por Ele ser fecundado e gerar com seus filhos uma nova humanidade. Para Freud, aliás, trata-se, essencialmente, do conflito a que o delírio pretende resolver em todos os casos masculinos de paranoia: a fantasia de desejo homossexual de amar um homem, mais precisamente o pai ou alguém que figure como tal. (Cf. FREUD, 1911, p. 27)

Sabemos que a ideia de se transformar em mulher (isto é, de ser emasculado) constituiu o delírio primário, que ele no início encarava esse ato como grave injúria e perseguição, e que o mesmo só se relacionou com o papel de Redentor de maneira secundária. Não pode haver dúvida além disso, de que ele originalmente acreditava que a transformação deveria ser efetuada com a finalidade de abusos sexuais e não para servir a altos desígnios. Pode-se formular a situação, dizendo-se que um delírio sexual de perseguição foi posteriormente transformado, na mente do paciente, em delírio religiosos de grandeza. O papel de perseguidor foi primeiramente atribuído ao Professor Flechsig, médico sob cujos cuidados estava; mais tarde, o lugar foi assumido pelo Próprio Deus. (FREUD, 1911, p. 29)

É interessante notar que a figura do médico, temida e odiada, foi antes amada e honrada. Foi ele quem o tratou durante a primeira internação, e após a sua alta passou a receber intensa devoção da esposa de Schreber, a ponto de colocar um porta-retrato com a foto do médico em sua casa. Mas, explica Freud, que a mudança afetiva frente à figura do médico é uma reação ao despertar da fantasia de assumir perante ele uma atitude feminina. Assim, o desejo de ser possuído pelo médico transforma-se em medo de sofrer abuso sexual – esta é a solução temporária manifesta em seu delírio. É mais suportável para o eu sentir-se perseguido sexualmente por um homem do que assumir o desejo de servir de mulher para ele. (Cf. FREUD, 1911, p. 29)

O sentimento pelo Dr. Flechsig foi o que possibilitou a ascensão da fantasia homossexual muito antiga, localizada por Freud entre o narcisismo e as primeiras escolhas objetais. Nesse tempo (lógico), a tendência é que as primeiras escolhas sejam pelo semelhante ao eu, portanto homossexual. Claro que outros fatores aparecem em cena no desencadear da doença de Schreber, como, por exemplo, o pesar que sentia por não ter tido filhos (não ser pai). De fato, nota Freud que não se trata de um caso de

homossexualidade, mas sim de desejos homossexuais próprios à organização infantil que eclodiram na vida adulta. Assim, o delírio de ser transformado em mulher de Deus é a saída para conciliar esse desejo, que nos neuróticos pode ter outros destinos, como o recalque e a sublimação. Aliás, no presente caso tal desejo permaneceu escondido por muito tempo, até algo despertar essa libido homossexual. Freud levanta hipóteses, como a morte de seu pai e irmão e a promoção profissional. (Cf. FREUD, 1911, p. 56)

Peter Gay, em seu texto “Freud: uma vida para o nosso tempo”, explica bem o esquema de Freud sobre o paranoico, que reconstrói o mundo a fim, quase literalmente, de sobreviver. Essa reconstrução, um trabalho desesperadamente árduo, inclui uma regressão ao narcisismo, o estágio relativamente primitivo da sexualidade infantil. Assim, tendo atravessado o estágio inicial do desenvolvimento erótico, um autoerotismo difuso, a criança concentra seus impulsos sexuais para assegurar um objeto de amor. Mas a criança começa por escolher a si mesma, a seu próprio corpo como objeto, antes de procurar alguém para amar. (GAY, 1989, p. 264)

Segundo Peter Gay, Freud estava começando a considerar esse estágio narcisista intermediário como um passo essencial no caminho para o amor heterossexual adulto. Como veio a afirmar, os passos principais incluem a fase oral primitiva, seguida pela fase anal, a fálica e, posteriormente, a genital. Nesse caminho, às vezes intransponível, muitas pessoas nunca conseguem se liberar totalmente de seu autoenvolvimento narcisista infantil e o trazem para sua vida amorosa posterior. Essas pessoas podem escolher seus próprios órgãos genitais como objeto de amor, e depois passam a amar outras dotadas de órgãos genitais iguais aos seus. Essa fixação narcisista, como Freud a denominou, contribui para uma homossexualidade declarada na vida adulta ou para a sublimação das tendências homossexuais em amizades apaixonadas ou, num palco mais amplo, no amor pela humanidade. O caminho para o amadurecimento é não só tortuoso como talvez intransponível, às vezes voltando-se sobre si mesmo: aqueles cujo desenvolvimento sexual tomou a direção homoerótica podem ser inundados por ondas de excitação erótica, e então se sentirão compelidos a recuar para um estágio anterior, que creem mais seguro, de integração sexual – o narcisismo. (GAY, 1989, p. 264)

Assim, Peter Gay ainda explica que Freud vê os exemplos mais dramáticos de tal regressão defensiva nos paranoicos. Eles tentam se proteger distorcendo grosseiramente suas percepções e sentimentos com toda sorte de fantasias extravagantes. Schreber, por exemplo, era perseguido pela visão de que o fim do mundo

estava próximo. Freud sustentava que tais fantasias assustadoras não são absolutamente raras nos atingidos pela paranoia; tendo retraído seu amor pelos outros, e pelo mundo como um todo, eles projetam sua “catástrofe interior” para fora e se convencem de que a ruína universal é iminente. Sua grande obra de reconstrução inicia-se nesse ponto: estando o mundo destruído, o paranoico o reconstrói, de fato, não mais maravilhoso, mas pelo menos de um modo a que se possa viver de novo nele. (GAY, 1989, p. 265)

Desse modo, Freud nos propõe pensar sobre a figura do perseguidor como uma identificação previamente estabelecida, em que o perseguidor Flechsig seria originalmente uma pessoa a quem Schreber amou, assim como Deus também seria simplesmente o reaparecimento de alguém mais que ele amou, e, provavelmente, alguém de maior importância. Com isso, portanto, conclui-se que a pessoa a quem Schreber mais amou teria sido o seu pai; então Flechsig devia estar representando um irmão, provavelmente mais velho.

“A fantasia feminina, que despertou uma oposição tão violenta no paciente, tinha assim suas raízes num anseio, intensificado até um tom erótico, pelo pai e pelo irmão. Esse sentimento, na medida em que se referia ao irmão, passou, por um processo de transferência, para o médico, Flechsig; e, quando foi devolvido ao pai, chegou-se a uma estabilização do conflito.” (FREUD, 1911, p. 59)

Além disso, é importante lembrar que o pai de Schreber não era uma pessoa insignificante; pelo contrário, um médico com uma grande reputação. Com isso, associa a atitude infantil dos meninos para com o pai, que se compõe da mistura de submissão reverente e insubordinação amotinada, às características que encontramos na relação de Schreber com o seu Deus, um protótipo inequívoco da relação entre o pai e o filho. Porém, Freud enfatiza o fato de que a circunstância do pai de Schreber ter sido médico, e dos mais eminentes, é que explica as características mais notáveis de seu Deus e aquelas sobre as quais se demora, de maneira tão crítica. Assim, a atitude infantil de Schreber para com o seu pai manifestou-se em duas fases sucessivas: enquanto o pai estava vivo, revelou-se em rebeldia indomável e franca discórdia, mas, imediatamente após sua morte, assumiu a forma de uma neurose baseada em submissão e obediência tardia para com ele. (FREUD, 1911, p. 60)

Portanto, a partir desse texto freudiano nos encontramos mais uma vez no campo familiar do complexo paterno. A luta do paciente com o Dr. Flechsig revelou-se a ele como um conflito com Deus, e, dessa forma, um conflito infantil com o pai que amava,

sendo este que determinou o conteúdo de seus delírios. Freud afirma que, em experiências infantis como essa, o pai interfere na satisfação que a criança está tentando obter, geralmente de caráter autoerótico, embora posteriormente seja substituída na fantasia por alguma outra forma de satisfação. Além disso, no estágio final da doença de Schreber, foi alcançada vitória magnífica pelo impulso sexual infantil, em que a voluptuosidade tornou-se temente a Deus e o Próprio Deus, ou seja, o pai, nunca se cansava de exigí-la dele. “A ameaça paterna mais temida, a castração, na realidade forneceu o material para sua fantasia de desejo, a princípio combatida, mas depois aceita, de ser transformado em mulher.” (FREUD, 1911, p. 64)

Com isso, finaliza Freud sobre a suspeita, contudo, de que aquilo que capacitou Schreber a reconciliar-se com sua fantasia homossexual, e que possibilitou à sua doença terminar em algo que se aproxima muito de um restabelecimento, pode ter sido o fato de seu complexo paterno achar-se, principalmente, de maneira próxima à positiva, e que, na vida real, os anos finais de seu restabelecimento com um pai excelente provavelmente não foram tempestuosos. Com isso pode-se pensar que houve uma identificação por parte de Schreber em relação a seu pai. Assim, mesmo afirmando a forma negativa do complexo de Édipo de Schreber, afirma-se também o caráter próximo ao positivo de seu complexo paterno. Esse momento do texto de Freud pode ser percebido como uma confusão do autor que ainda não havia concluído a formulação completa do complexo de Édipo. Pois, ao pensar em uma identificação de Schreber em relação ao seu pai, poderíamos pensar também na equivalência existente entre identificação e amor colocada por Freud em seu texto “O Ego e o Id”, então, o amor por esse pai configuraria o complexo de Édipo negativo, ou seja, homossexual.

Assim, mesmo permanecendo não explorado, o Édipo é colocado como fator central da doença, e isso se deve à conceituação do narcisismo, ou seja, na etapa narcisista e na escolha narcísica de objeto. E o conceito de ‘escolha narcisista de objeto’ fornece uma ponte para a identificação. Schreber, segundo Freud, a fim de conseguir um objeto amoroso começa a tomar a si mesmo como objeto sexual, com base em seu narcisismo e, posteriormente, toma como objetos homens parecidos com ele mesmo. Assim, os sintomas paranoicos (os delírios persecutórios, a crença na onipotência dos pensamentos etc), de Schreber, surgem como uma negação ou defesa contra desejos homossexuais. Para Freud, ocorreria no paranoico uma sublimação do homossexualismo e retrocesso do mesmo ao narcisismo. Segundo ele, o

homossexualismo se daria pela fixação do sujeito numa fase em que não havia tomado conhecimento da diferenciação anatômica entre os sexos. A fixação na fase narcísica explica a paranoia de Schreber resultante da luta do ego contra os desejos de natureza homossexual. Portanto, agora o narcisismo explica o papel do desejo homossexual na aquisição da paranoia. (Cf. FREUD, 1911, p. 68)

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemos, neste trabalho, um estudo do papel da figura paterna no complexo de Édipo e sua incidência na abordagem clínica da neurose e da psicose a partir dos escritos de Freud, percebendo, assim, a importância da figura do pai na constituição do sujeito. Além disso, ao retomar os textos freudianos, nota-se que a importância da figura paterna vai além de seu papel essencial na constituição psíquica do sujeito, mas, como afirma Freud em “Totem e Tabu”, é a partir dele e da relação estabelecida com ele que se dão as formas de viver em sociedade e de civilização.

No complexo de Édipo, como formulado por Freud, designa-se a interdição do incesto como o princípio da lei universal exercida na ordem da cultura. Freud aborda o assassinato do pai dramatizado na tragédia através do mito descrito em “Totem e Tabu”, explicando bem que a partir da morte do pai severo e proibidor surgem o remorso e a adoração para com ele, instituindo, então, os princípios organizativos da vida em civilização, proibindo o incesto. Freud, através de toda sua obra, apontou que o complexo de Édipo é o nó da neurose infantil que se (re)-atualiza na neurose posterior.

A partir dos escritos de Freud citados neste trabalho, percebe-se a importância da identificação paterna em todos eles. Em “Totem e Tabu” ele afirma que o pai da horda fora o temido e invejado modelo de cada um de seus filhos e, que, através da repetição e comemoração do ato criminoso de devorar o pai, se deu início a tantas coisas, como a organização social, as restrições morais e religiosas. Além disso, em “O mal-estar na civilização”, ao se referir sobre a constituição do superego, afirma que ele se deu através da identificação com o pai, dando a esse agente o poder paterno, como uma punição pelo ato agressivo praticado contra aquele, e criou as restrições destinadas a impedir uma repetição do ato. “O que começou em relação ao pai é completado em relação ao grupo.” (FREUD, 1930, p. 135).

Silvestre, em seu texto “O pai, sua função na psicanálise” irá reiterar o que Freud afirma: que o pai é o centro do complexo de Édipo, sendo aquele que abre as portas do complexo para o sujeito e ao mesmo tempo detém a chave de sua saída.

Quer se trate de avançar com o apoio das identificações das quais é suporte, ou de desprender-se dele com o endosso de seu assassinato; quer de assinalar

para o sujeito o que deve ser objeto de sua cobiça, a mãe, e de manter este objeto como desejável ao marcá-lo com uma proibição; quer se trate, enfim, de garantir o nome das coisas, as do sexo em particular, assim como de seu uso, e de responder por sua falta e sua privação; todas estas operações, que constituem o dilema edípico, necessitam do pai no papel de agente, testemunha, juiz, parceiro e até de comparsa. (SILVESTRE, 1991, p. 90)

Como vimos neste trabalho, o superego é considerado como a instância que internalizou a lei do pai, sendo por isso reconhecido, principalmente, por ser um senhor severo. Porém, a partir do texto “O humor”, observa-se a presença da ambivalência em relação ao pai na estrutura do superego, além de ter como característica a proibição e imposição em relação ao ego, o representante paterno mostrará, através do humor, o sentimento de protegê-lo do sofrimento.

Por fim, a partir dos dois casos estudados neste trabalho, percebe-se como se deu a identificação paterna, tão importante e essencial para o desenvolvimento do conflito de cada paciente, assim como que, ao longo do tratamento com Freud, a figura paterna se fez efetiva para o seu desfecho. No caso do “homem dos ratos”, percebe-se a ambiguidade em relação ao pai, em que há o afeto de um lado e rivalidade de outro. Assim, Freud relata que, houve a identificação do paciente com a figura de seu pai e, ao mesmo tempo, a eleição deste último como objeto amoroso, o que ilustra bem o complexo paterno, a forma “completa” do Édipo.

É importante ressaltar que a formulação de Freud sobre o conceito do complexo de Édipo em sua forma “completa” foi posterior ao caso do “homem dos ratos”. Ele somente remete a esse termo no texto “O Ego e o Id”. Porém, a associação entre o saber psicanalítico e a história de Édipo é antiga e pode ser remontada particularmente ao dia 15 de outubro de 1897, quando Freud envia uma carta destinada ao amigo Wilhelm Fliess relatando e estabelecendo, a partir do sua auto-análise, a validade universal da lenda grega como uma importante chave para a compreensão das vicissitudes da sexualidade infantil. Na época em que escreveu o caso do “homem dos ratos” só era conhecido o modelo “simples” ou “positivo”, que se fundamenta no pressuposto de uma simetria onde tanto os meninos quanto as meninas se sentiriam naturalmente atraídos pelo progenitor do sexo oposto, repudiando ainda aquele do mesmo sexo. Porém, a partir desse caso clínico, já era possível perceber o sentimento de ambivalência em relação à figura paterna, cujo conceito serviu para futuros estudos tão importantes para a constituição do sujeito.

No caso Schreber, vê-se também um pai interditor, que interfere na satisfação que o paciente, quando criança (continuando também quando adulto), estava tentando obter. Porém, nesse caso, a ameaça paterna de castração foi o que fez ocasionar sua fantasia de desejo, de ser transformado em mulher. A relevância desse caso reside nas bases que forneceu tanto para a compreensão do complexo de Édipo quanto para o descobrimento da sua forma dita “negativa”. Ou seja, uma escolha narcísica e homossexual de objeto onde reinaria o amor com o progenitor do mesmo sexo e a rivalidade com aquele do sexo oposto. Nesse texto, entende-se bem que na paranoia a homossexualidade se deve a uma fixação do narcisismo. Porém, Freud conclui que Schreber, através da reconciliação com sua fantasia homossexual conseguiu se aproximar do restabelecimento, suspeitando que seu complexo paterno achava-se de maneira próxima à positiva. Assim como reitera Peter Gay em seu texto “Freud: uma vida para o nosso tempo”, que os esforços de Schreber em recuperar sua serenidade mental estilhaçada eram tidos como trabalho de um bom filho, amando seu pai com um amor homossexual inaceitável, que deve sua recuperação parcial provavelmente ao fato de seu complexo paterno estar próximo da forma positiva, ou seja, ele pode também ter tido uma identificação com esse pai. Com isso, percebe-se uma possível confusão de Freud nesse momento devido ao fato de ainda em 1911 não ter concluído as formulações sobre o complexo de Édipo. Pois, apesar de afirmar o caráter negativo do complexo de Édipo de Schreber, afirma também o caráter próximo ao positivo de seu complexo paterno, que significaria que ele teve uma relação boa com seu pai e até mesmo uma idealização para com este.

Com isso, não pode haver dúvida da importância atribuída por Freud ao papel desempenhado pela figura paterna tanto na constituição da vida do sujeito em sociedade, como em sua vida psíquica, sendo o pai, assim, tido como figura essencialmente organizadora para o sujeito, por ser o principal ator no cenário das identificações. Para finalizar, retomemos um trecho de “Moisés e o monoteísmo três ensaios”, no qual Freud salienta esse papel do pai no caso de um jovem cujo pai era um inútil e que, em desafio a ele começou por transformar-se numa pessoa capaz, digna de confiança e honrada. Porém, no apogeu de sua vida, seu caráter se inverteu, e daí por diante comportou-se como se tivesse tomado aquele mesmo pai como modelo. Vale, então, à guisa de conclusão, a citação de Freud:

A fim de não perdermos a vinculação com nosso tema, devemos manter em mente o fato de que, no início de tal curso de acontecimentos, há sempre uma identificação com o pai na primeira infância. Esta é posteriormente repudiada e até mesmo supercompensada, mas ao final, mais uma vez se estabelece. (FREUD, 1939, p. 139)

## REFERÊNCIAS

DOR, J. O pai e sua função em psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1991.

FREUD, Sigmund. Romances familiares. (1909 [1908]) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 9, p. 217-222.

FREUD, Sigmund. Notas sobre um caso de neurose obsessiva. (1909) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 10, p. 139-215.

FREUD, Sigmund. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides). (1911) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12, p. 15-89.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. (1913) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 13, p. 137-162.

FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. (1923) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 25- 120.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. (1924) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 197-199.

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. (1925) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 273-286.

FREUD, Sigmund. O humor. (1927) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21, p. 163-169.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. (1930) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21, p. 73-148.

FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo três ensaios. (1939) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 23, p. 139-141.

GAY, Peter. Freud: uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

SILVESTRE, Michel. Amanhã, a psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.